

Pole Dance, um espaço de sociabilidade e descoberta¹

Míriam Soares Dias (UFF| RJ)

Palavras chave: Pole dance; espaço de sociabilidade; recurso terapêutico.

O antropólogo Marcel Mauss em “As técnicas do corpo”(1934) afirma que o corpo é nossa maior ferramenta, nosso primeiro instrumento e recurso técnico, a fim de demonstrar isso o autor cria categorias de análise das técnicas corporais. A dança também faz parte do escopo de análise do pesquisador, que enfatiza aspectos da execução e da divisão de gênero. Desse modo, ele estabelece uma classificação de elementos, a fim de estabelecer uma descrição etnográfica da dança: compreender os movimentos e execuções a partir do *habitus*².

A partir desse pressuposto teórico, iniciei a pesquisa com intuito de identificar e compreender a transmissão dos movimentos no *pole dance*, e os desdobramentos do lugar de socialização como um campo a ser explorado em segundo plano a isso. No entanto, a minha experiência e prática da dança me distanciou da perspectiva maussiana, em parte pois alguns pressupostos teóricos podem se tornar armadilhas na prática da pesquisa, nos guiando por caminhos enviesados de interpretação e postura como investigadores. Sendo assim, uma vez que notei as diversas dimensões e efeitos da sociabilidade, de forma não totalmente consciente, me permiti explorar outros aspectos aos quais de princípio não considerava essencial para a investigação em questão. Em outras palavras, percebi que o meu olhar estava apenas voltado para a transmissão da forma de técnicas de execução dos movimentos e deixando de considerar o meio em que isso acontece. Em campo, compreendi que a experiência tinha muito mais a oferecer, e que a prática da dança estava permeada por um grande processo de interação social que incita diversas implicações no grupo. Portanto, optei por aspectos da socialização e da análise dos efeitos gerados pela dança.

Nesse sentido, me adaptei de acordo com o contato que tive com outras praticantes e com o espaço, construindo um movimento de me reconhecer como uma praticante para acessar não apenas a técnica, mas identificação de uma praticante de

¹ Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (2024)

² “Mauss prefere o termo *habitus* (em latim) a hábito, pois ele expressaria melhor a “*exis*” [*hexis*], denotando o que é adquirido e sublinhando não existir maneira natural nos atos corporais de um adulto”(HAIBARA, Alice; SANTOS, Valéria Oliveira. 2016.)

pole dance, como afirma o filósofo Merleau-Ponty (2006, p.03) “Tudo o que sei a respeito do mundo, mesmo pela ciência, eu o sei a partir de uma visão minha ou de uma experiência de mundo sem a qual os símbolos da ciência não significariam nada”.

De acordo com PODESTÁ (2022),

Apesar de não ter sua origem bem definida historicamente, é atravessada por características socioculturais que a compõem e diversificam. Dessa forma, a *pole dance* exibe características que transpassam a dança, expressão corporal, ginástica e esporte, não sendo possível enquadrá-la em um desses termos em específico por seu caráter diversificado, mas podendo ser definida como elemento da cultura corporal.

(PODESTÁ, Daniella Rodrigues de. As aulas de *pole dance* como espaço de Educação não-formal. 2022.p. 9)

Portanto, investigar um pequeno grupo de praticantes em um estúdio em Niterói, significa entrar em contato com elementos de uma cultura corporal de um grupo, mas também das diversas histórias que os corpos guardam e trocam entre si.

O estúdio localizado em um prédio comercial na região central de Niterói, em uma sala de 45m² e seis barras é um ambiente de contato com o *pole dance* de muitas mulheres que conheci. Mas para além disso era o ambiente de contato com o seu lado mais genuíno de si, como ouvi de diversas interlocutoras. Essa pequena pesquisa que ainda está em seu início se interessa em oferecer inferências, reflexões e percepções desse campo tão vasto.

A metodologia que embasa essa pesquisa e, portanto, este artigo em questão, parte dos aportes teóricos da antropologia, todavia se apoiando em diversos segmentos de estudos da educação física e psicologia. A ferramenta metodológica utilizada em grande parte é a observação participante conjuntamente com conversas informais, entrevistas e a própria experiência de prática da atividade. Nesse caso, a observação participante é uma escolha que auxilia a descrição densa³ como auxílio no exame dos acontecimentos e considerando o *locus* de estudo não apenas como objeto de análise, mas também como ponderado por GEERTZ (1978) a oportunidade de aprender com as pessoas observando que “as ações sociais são comentários a respeito de mais do que elas mesmas; de que, de onde vem uma interpretação não determina para onde ela

³ GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Zahar, 1978, p. 34.

poderá ser impelida a ir”⁴, tendo em vista que pequenos acontecimentos podem relacionar-se a grandes temas.

Em vista disso, este artigo tem como objetivo discutir as dimensões do estúdio de pole dance em questão como um espaço de sociabilidade entre mulheres, tratar sobre algumas categorias de estilo pole dance e flexionar a análise para a possibilidade de pensar o pole dance na qualidade de recurso terapêutico.

Para compreender melhor os elementos propostos por esse projeto, é pertinente esboçar o conceito de “espaço de sociabilidade” que aqui será adotado. O termo “sociabilidade ou socialidade” é frequentemente recorrido na área dos estudos de sociobiologia⁵ e que neste campo das ciências biológicas indica o grau em que os indivíduos de determinado grupo animal tendem a se relacionar e se integrar em círculos sociais e formar sociedades cooperativas (WILSON, 1978). Nesta pesquisa, a utilização do termo não exclui por completo tal definição, mas compreende que os componentes socioculturais são alvos imprescindíveis para essa análise e, nesse sentido, pensar sociabilidade dentro de um estúdio de *pole dance* consiste associar espacialmente variedades de fatos, comportamentos e experiências compartilhadas pelo grupo nesse local, aqui utilizo do estudo de BICKEL, MARQUES, & SANTOS (2012) sobre a contribuição do esporte para a sociedade:

“O esporte possui um grande potencial de socializar indivíduos das mais diferentes classes, religiões, gêneros, entre tantas outras diferenças presentes na nossa sociedade. Através de uma partida de futebol na rua, de um jogo de vôlei na escola, um jogo de basquete na praça, pessoas se relacionam, fortalecem amizades, criam vínculos mesmo sem nunca terem se visto. A importância da prática esportiva em nossa sociedade vai além dos benefícios na saúde física do homem. “É possível perceber-se o desenvolvimento das relações socioafetivas, a comunicabilidade, a sociabilidade, ajustando socialmente esse homem ao meio que vive” (BURITI, 2001, p.49). Não importa se for uma competição, uma brincadeira ou parte da aula de Educação Física, a socialização com os demais está intimamente ligada ao jogo. Mesmo sendo um esporte individual, o praticante se relacionará, competirá com outros participantes, dividirá tristezas e alegrias”

⁴ GEERTZ, 1978, p.35-36.

⁵ “A sociobiologia é o “estudo sistemático da base biológica de todo o comportamento social” (Wilson, 1971). Os pesquisadores dessa disciplina estão empenhados em construir e avaliar modelos teóricos de mudança evolucionária e realizar estudos comportamentais empíricos em diversas espécies. A sociobiologia foi popularizada pelo livro *Sociobiology: The new synthesis*, escrito pelo biólogo Edward O. Wilson em 1975. Nele, Wilson descreve-a como próxima da ecologia comportamental, com ambas ligadas à biologia de populações, sendo a teoria evolucionária o coração das três entidades” (NEVES, Felipe Marcel. 2012. p.130)

(BICKEL, E. A., MARQUES, M. G., & SANTOS, G. A. Esporte e sociedade: a construção de valores na prática esportiva em projetos sociais. EFDeportes. com revista digital. Buenos Aires. Nº 171, p 17.2012.)

Corroborando o que foi observado por outros pesquisadores, ouvi o seguinte relato em entrevista com uma das instrutoras do estúdio:

“(...) acho que a sociabilidade no pole é muito interessante porque é meio que ou vai ou racha sabe? você chega, você vai ter contato e vai falar: “Beleza, vou embora” ou você chega e vai falar “tá bom, tudo bem eu vou me abrir para isso” quando você vê, cria intimidade muito mais rápido, cara, isso é muito engraçado. Tem uma galera que chega socializa que vira amigo tem uma intimidade muito diferente, você cria uma intimidade do nada, (...) mas por ter um outro corpo ali igual ao seu, meio que colocado na sua frente, o que você pode fazer enquanto a isso? (...) todo mundo meio no mesmo barco. Eu acho que isso gera sim uma coisinha diferente, acho que te gera um afeto, aquilo te afeta de outra maneira sabe? é um afeto nos dois sentidos, aquilo te afeta e é um afeto também, é quase um carinho sabe? que você sente pelo outro”
(PAIVA, Mariana. Entrevista Polessence 24/05/24.[Entrevista concedida a] Miriam Soares Dias. Niterói - RJ. 2024)

Durante a prática pude observar e acompanhar diversos relatos como esse e perceber que se tratava de um local de afeto, de recreação para as praticantes, de alguma forma ainda considerado incomum para muitas mulheres. Tendo em vista historicamente que os ambientes em que o esporte e lazer eram reservados estritamente para o masculino e possível para um parcela de raça e classe específica como coloca ADELMAN (2006):

“O esporte, em particular, tornou-se durante mais de um século, o lugar de disputas intensas sobre o que pode/dever fazer um “corpo masculino” ou um “corpo feminino”, tanto pelo lugar central que ocupava na construção de novas formas mais “pacificadas” da construção da masculinidade (Oliveira, 2004) quanto pelo que isto poderia significar para as mulheres que, desde a segunda metade do século XIX vinham lutando contra normas de feminilidade que, como disse Maria Rita Kehl, estreitavam demais os roteiros que elas tinham à disposição para a construção de uma vida. Essa feminilidade impunha a domesticidade como “norma” – embora esta de fato tenha sido “privilégio” de raça e classe – e implicava em fortes controles sobre os corpos das mulheres – sua sexualidade, sua liberdade de movimento, e seu uso do espaço urbano no qual o esporte e as atividades físicas tornavam-se uma forma de lazer cada vez mais visível”
(ADELMAN, Miriam. Mulheres no Esporte: Corporalidades e Subjetividades Movimento, vol. 12, núm. 1, enero-abril, 2006, pp. 11-12)

Além desses aspectos, apesar da difusão do Pole Dance como uma atividade que é e pode ser praticada por diferentes grupos, persiste o estigma da prática por *strippers*⁶ em contexto de casas noturnas e associado negativamente a uma conduta imoral, e portanto “destinado” a um grupo específico de mulheres.

Isso se diz respeito a própria noção de que o local das mulheres não está na esfera pública como apresenta DAMATTA (1997) ao explorar as dimensões do espaço público e privado em “Casa, rua e outro mundo: o caso do Brasil”, o autor exemplifica como perspectivas dos costumes atrelam as mulheres a casa e por assim dizer a expressão da sexualidade da mulher também ao ambiente privado. Portanto, os diversos aspectos atributos e universos que a prática de pole dance apresenta e possibilita interpretar o seu espaço como uma esfera de transgressão a algumas noções e costumes tradicionais em relação ao corpo feminino e como tal corpo pode se mover, se expressar, ocupar os ambientes e ser visto. Aqui, me aproximo do debate proposto por GONÇALVES (2017) sobre o *pole dance* como uma prática de empoderamento para mulheres. Como a autora, compreendo que existem diversos caminhos a serem investigados e melhor examinados dentro desse campo, no entanto é indiscutível a percepção e formação da potência na experiência das praticantes.

Vale ressaltar que o estúdio em questão não apresenta diferenças excepcionais diante de qualquer outro espaço que tradicionalmente possua aula de dança. É um local que reúne pessoas, divide turmas em níveis de familiaridade com as técnicas e movimentos e contudo é capaz de oferecer às mulheres praticantes a possibilidade de se tornar, como ouvi de uma interlocutora, “uma pessoa capaz de fazer muito, de ser capaz de fazer qualquer coisa que eu realmente quiser fazer”.

Para dar seguimento à essa observação é relevante pontuar sobre algumas das categorias de estilo que surgem dentro do *pole dance*: Pole art, Pole sport e Pole fitness, assim como Pole “coreográfico” como uma categoria de estilo presente no estúdio que embasa essa pesquisa. GONÇALVES (2021) define:

“O pole art se dedica à exploração do lado artístico da performance, muitas vezes tendo alguma história ou conceito expresso na coreografia e incorpora elementos de jazz, ballet clássico e contemporâneo. No pole fitness ou sport, busca-se desenvolver o aspecto acrobático da modalidade, em que vale mais a performance em termos técnicos do que artísticos. Nos campeonatos desta vertente, o figurino, a maquiagem, a presença de palco e a adequação da

⁶ O substantivo *stripper* refere-se a alguém cujo trabalho é tirar toda a roupa em ato performático para entreter outras pessoas.

performance à música contam menos que a pontuação em relação às acrobacias.”
(GONÇALVES, 2021, p.5).

Nessa divisão, é possível perceber as nuances da atividade e o leque de opções que as praticantes podem se aventurar a fazer. E o que cada categoria em si propõe de experiência. No caso do pole art, o incentivo é permitir que a criatividade faça parte da performance, enquanto no caso do pole sport se explora a competitividade através das acrobacias, assim como no pole fitness o condicionamento e a força são o que mais se destacam na dinâmica.

Na minha experiência em contato com a prática no estúdio, pude perceber como era significativo para quem estava aprendendo assim como eu, poder executar uma “apresentação”, uma pequena performance de dança após ter exercitado repetidamente figuras, giros, transições, movimentos e “travas⁷”, como uma forma de enxergar que na composição de uma coreografia estamos avançando para algum lugar, que não é apenas executado mas que se transforma em algo palpável, bonito e que pode ser reconhecido e apreciado pelo outro.

Levando em conta as questões suscitadas anteriormente, reitero a observação para outro ponto no qual estive em diálogo durante as aulas: a prática da dança como algo terapêutico.

“Estar aqui é como uma terapia pra mim”, ouvi esse comentário de uma praticante que relatou durante algumas aulas como estar no estúdio e praticando havia auxiliado no enfrentamento de suas crises de ansiedade e pânico. A percepção dessa praticante não é exclusiva, pois comentários como o dela, são comuns em conversas durante as aulas aqui evoco GONÇALVES (2021) que relata:

“Ao escutar suas histórias de vida, pude perceber que a maioria delas compartilhava de algum momento de crise ou dificuldade quando chegaram à prática (...) Outra trajetória que pude trabalhar é a de Renata, também instrutora de pole dance e dona de seu próprio studio, ela começou a atividade após ter sofrido uma traição em seu relacionamento. Renata destaca este momento de crise como uma fase de sua vida em que ela percebeu que precisava olhar para si e se cuidar. É assim que o pole dance surge para essas pessoas como um lugar de cuidado. Destaca-se também a importância de se estar em um espaço majoritariamente feminino, onde as mulheres desenvolvem uma relação de grupo e apoio”.
(GONÇALVES, Annelise Campos. 2021.p. 6-7)

⁷ A trava no *pole dance* é um movimento básico que consiste na execução de uma posição que promove resistência contra a barra e permite que a praticante tenha mais segurança e estabilidade na consecução de outros movimentos, figuras e giros.

Noto que o *pole dance* atua como espaço terapêutico, uma vez que, na pesquisa, é possível identificar um vocabulário constante que remete a isso, “lugar de cuidado”(l. 7) e “apoio”(l. 10). Nesse sentido, compreendi que ele está diretamente ligado à percepção do corpo como trajetória, uma narrativa em que o outro e o mundo se combinam e se influenciam. Essa interação coletiva, por sua vez, constitui um efeito terapêutico.

O corpo atua, portanto, como eixo estruturante do sentido e do cuidado que deve ser estabelecido com os sujeitos praticantes como observa Le Breton: “O corpo é um vetor semântico onde ocorrem as atividades perceptivas e as significações, também é a expressão de sentimentos, ritos, gestos, exercícios, relação com a dor, etc.”. (LE BRETON, 2007, p.7).

Considerações finais

Busquei neste artigo tratar fundamentalmente sobre os impactos da sociabilidade no contexto do *pole dance* tensionando a análise da prática e convivência enquanto uma atividade corporal suscetível a ser considerada um espaço terapêutico, pelo contato e troca com as outras praticantes assim como uma aproximação de uma experiência transgressora para feminino tal qual a experiência de potência, seja através da criatividade, desafio e força. Considero que esse campo de debate ainda tem muito a ser explorado mas assim como pondera GONÇALVES (2021) é importante pensar nesses temas através de um olhar antropológico para os espaços de esporte e lazer e suas diversas particularidades mas ter em conta que “Só sentimos que existimos depois de já ter entrado em contato com os outros, e nossa reflexão é sempre um retorno a nós mesmos que, aliás, deve muito à nossa frequência do outro”(MERLEAU-PONTY, 2004, p.48) e, por isso, pensar sociabilidade em um estúdio de *pole dance* é pensar na transformação e no cuidado que esse espaço proporciona a quem o frequenta.

REFERÊNCIAS

ADELMAN, Miriam. Mulheres no Esporte: Corporalidades e Subjetividades Movimento, vol. 12, núm. 1, enero-abril, 2006, pp. 11-29

BICKEL, E. A., MARQUES, M. G., & SANTOS, G. A. Esporte e sociedade: a construção de valores na prática esportiva em projetos sociais. EFDeportes. com revista digital. Buenos Aires. Nº 171, p 17.2012.

DAMATTA, Roberto. Espaço: Casa, rua e outro mundo: o caso do Brasil. In: DAMATTA, Roberto. A Casa e a rua. 5. ed. Rio de Janeiro: Rocco Digital, 1997

GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Zahar, 1978

GONÇALVES, Annelise Campos. “Viva o matriarcado pole dance”: uma etnografia das relações entre corpo, gênero e cidade na prática do pole dance. 2017. Monografia (Graduação em Antropologia) – Universidade Federal Fluminense, Niterói. (2017)

_____. O esporte pode ser um lugar de cuidado? a prática do pole dance como uma terapia. Esporte e Sociedade, Niterói, ano 13, v. 32, p. 1-19, Março 2021.

HAIBARA, Alice; SANTOS, Valéria Oliveira. “As técnicas do corpo”. In: *Enciclopédia de Antropologia*. São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia, 2016. Disponível em: <https://ea.fflch.usp.br/obra/tecnicas-do-corpo>

LE BRETON, David. A sociologia do corpo. 2 ed.; tradução de Sônia Fuhrmann. Petrópolis: Vozes, 2007.

_____. Adeus ao corpo: antropologia e sociedade. Campinas: Papyrus, 2003

MAUSS, Marcel, “Les techniques du corps”, *Journal de Psychologie*, XXXII, ne, 3-4, 15 mars - 15 avril 1936. (Trad. Bras. Paulo Neves. São Paulo, Cosac Naify, 2003)

MERLEAU-PONTY, Maurice. Fenomenologia da percepção: Martins Fontes, São Paulo, 2006

_____. Conversas - 1948: Martins Fontes, São Paulo, 2004

NEVES, Felipe Marcel . Estudos de Biologia v. 34 n. 83 (2012) - Fluxo Contínuo Sociobiologia: Dos insetos sociais aos homens

PAIVA, Mariana. Entrevista Polessence 24/05/24. [Entrevista concedida a] Míriam Soares Dias. Niterói - RJ. 2024

PODESTÁ, Daniella Rodrigues de. As aulas de pole dance como espaço de Educação não-formal. 2022. 52f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física) - Instituto de Educação Física, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2022.

WILSON, E. O. (1978). Introduction: What is Sociobiology? In M. S. Gregory, A. Silvers, & D. Sutch (Ed.). Sociobiology and human nature: An interdisciplinary critique and defense (pp. 1-12). San Francisco: Jossey-Bass